

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 1990

Data: 07.02.90

Pg.: _____

General é contra uso da força na retirada dos garimpeiros

'Eles também são brasileiros', diz o comandante militar da região, que ontem chegou a Belém. Ele irá ao Projeto Carajás.

O comandante militar da Amazônia, general-de-Exército Antenor de Santa Cruz, disse ontem que não vai empregar tropas na retirada dos garimpeiros da reserva Yanomami, em Roraima. Explicou que não é contra a retirada dos garimpeiros, no entanto, "eles também são brasileiros e não podem ser arrancados na força para serem jogados não sei onde". O general reconhece que a presença dos garimpeiros na área Yanomami é ilegal, mas defende que sejam remanejados para áreas adjacentes à reserva, onde possam trabalhar normalmente. Por isso e por não ter recebido nenhum pedido tanto da Fundação Nacional do Índio (Funai) quanto do Ministério da Justiça para empregar tropas na operação, o Comando Militar da Amazônia vai apenas ceder pessoal da área de saúde para dar assistência tanto aos garimpeiros quanto aos índios.

O general Antenor de Santa Cruz negou que tivesse declarado em Manaus, por ocasião da visita do ministro Saulo Ramos, da Justiça, que era contra a retirada dos garimpeiros por considerá-los importantes no processo de ocupação da Amazônia. "Não disse nada disso e não acredito que a imprensa tenha noticiado isto, porque o nosso papel nesta operação se resume a dar apoio à Polícia Federal, e se nos pedirem vamos ajudar com o pessoal de saúde".

Ele também afirmou que a idéia é fazer os garimpeiros saírem voluntária e pacificamente da área Yanomami, e que não



Militares recebem o comandante Santa Cruz (ao centro)

tem conhecimento de que esteja havendo reação de garimpeiros à decisão do governo. "Tenho promessa dos líderes garimpeiros, que se forem cedidas aquelas áreas alternativas que foram prometidas, eles saíram pacificamente".

O comandante militar da Amazônia acrescentou também que os homens do Exército não vão ser usados para ajudar o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) no combate à degradação ambiental na Amazônia, como tem sido noticiado, depois do encontro que pretende manter com o presidente do órgão, em Manaus, Fernando César Mesquita. Ele disse que a proposta de Mesquita, aceita pe-

lo Exército, é de encaminhar ao Ibama os soldados que tenham dado baixa das tropas. "Ao dispensarmos os reservistas, aqueles que tenham contida recomendável serão encaminhados ao Ibama, respeitando a regionalização. A idéia é interessante porque o conscrito é encaminhado a um emprego e o Ibama resolve o seu problema de falta de pessoal". Na próxima baixa, este plano pode ser iniciado, desde que o Ibama ainda esteja interessado. "Eu estou esperando por ele. O dr. Mesquita ficou de voltar e me dizer em que áreas ele precisa de gente", afirmou.

Otimismo

O general Antenor de Santa Cruz está fazendo uma visita a

todos os grandes projetos sediados na Amazônia. Ontem de manhã, ele visitou o Projeto Carajás, no sul do Pará, e disse que ficou impressionado com a preocupação ecológica da Companhia Vale do Rio Doce. Hoje ele visita a Albrás, em Barcarena, a 30 km de Belém, e depois vai ao Amapá para conhecer a Icomi e o Projeto Jari. O comandante militar da Amazônia disse que esta viagem é uma busca ao otimismo que está faltando ao país. "Vim buscar otimismo porque estamos vivendo numa época de muito pessimismo. Trouxe alguns oficiais para conhecerem estas realizações, pois estamos também numa grande expectativa pela chegada do novo governo".

O general explicou que não acredita na possibilidade do novo governo extinguir pura e simplesmente o Serviço Nacional de Informação. Para ele, o presidente eleito, Fernando Collor de Mello, pode adequar o serviço à sua maneira, mas nunca extinguí-lo. "Não se vive sem informação. Que o presidente queira ajustá-lo à maneira como vê o órgão é outro problema, mas nunca deve acabar com o SNI".

O general Antenor de Santa Cruz chegou a Belém com duas horas de atraso e foi recebido no aeroporto militar pelo governador Hélio Gueiros, que não quis dar entrevista. O governador chegou em cima da hora e disse aos jornalistas que falassem com o general porque ele falaria em outra oportunidade.

O comandante militar da Amazônia disse que falaria só por cinco minutos com a imprensa, mas acabou falando muito mais. Estava afável e descontraído. No final da entrevista, o general afirmou que não podia opinar sobre a proposta japonesa de encampar a dívida externa brasileira em troca da exploração do ouro da Amazônia. "Não tomei conhecimento desta proposta e portanto não posso opinar", desculpou-se.